

“FANTASIA DE ÍNDIO”: O QUE OS INDÍGENAS DIZEM SOBRE O USO DO TRAJE NO CARNAVAL

Borges, Maria Eduarda Andreazzi; Mestre; Universidade de São Paulo, mariaeduardapesquisa@gmail.com¹

Gil, Maria Celina; Doutora; Universidade de São Paulo, mariacelina.gil04@gmail.com²

RESUMO

Durante o período carnavalesco, fervilham no Brasil diversos blocos que arrastam multidões pelas ruas das principais capitais brasileiras. Ainda que os foliões busquem a cada ano fantasias mais inusitadas, muitos ainda recorrem às “tradicionais”, que são usadas desde o início dos festejos no Brasil. Com a crescente conscientização política e social de parte da população, algumas passaram a não ser mais aceitas – como o uso de *blackface* ou a “nega maluca” – ou a serem muito questionadas pelas figuras que “inspiram” esses trajes. É o caso da “fantasia de índio”, com o uso de cocares e pinturas corporais por pessoas não indígenas.

O objetivo principal desta pesquisa é olhar como os povos indígenas entendem sua sociedade e cultura e de que maneira isso é refletido nos seus trajes atuais, entendendo que estes receberam influências externas após o contato com outras culturas. A partir dessa troca, busca-se entender como é visto o uso de seus elementos sagrados por pessoas “brancas” no Carnaval, uma vez que, o que antes se dizia ser uma “homenagem” aos povos originários nos blocos carnavalescos, hoje vem dividindo opiniões entre os pertencentes a estes grupos. Assim, partindo de duas posturas distintas que existem entre representantes de povos

¹ Doutoranda em Artes Cênicas, sob a orientação do Prof. Dr. Fausto Roberto Poço Viana, pela Escola de Comunicações e Artes ECA/USP. Mestre em Artes (2022) pela ECA/USP com a dissertação intitulada O traje da baiana de Carnaval: ponto de encontro de ancestralidades e renovações. É integrante do Núcleo de Pesquisas Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia e do Fayola Odara - Grupo de Pesquisas Estéticas e Culturais Africanas e Afro Diaspóricas.

² Doutora em Artes Cênicas pela Escola de Comunicação e Artes ECA/USP com a tese “A teatralidade na artesanaria de Dolce & Gabbana”. Mestre em Artes Cênicas pela Escola de Comunicação e Artes ECA/USP com a dissertação “Os potenciais narrativos do bordado no traje de cena”. É professora da pós-graduação em Cenografia e Figurino do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e integrante do Núcleo de Pesquisas Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia.

indígenas sobre esse uso, pretende-se pensar acerca da composição dos trajes e como são realizadas suas adaptações para o Carnaval.

Um dos movimentos contrários ao uso de fantasias com elementos indígenas surgiu em 2017, quando a rapper indígena Katu Mirim criou a *hashtag* #ÍndioNãoÉFantasia. Em 2018, viralizou um vídeo seu em que explica o porquê pessoas não-indígenas não devem usar elementos que sequer entendem o significado.

Em entrevista para o site *Catraca Livre*, Katu Mirim diz que “usar fantasia de índio é racismo porque discrimina nossa raça, fortalece o estereótipo do “índio folclore” e a hipersexualização da mulher indígena” (LIVRE, 2018). Desde então, o movimento vem ganhando cada vez mais força e recebendo o apoio de outros povos que, principalmente na época que precede o Carnaval, usam em suas redes sociais a *hashtag* criada por Katu Mirim ou derivações.

No entanto, essa campanha não é consenso entre os povos indígenas do Brasil. Há outro movimento, que defende ser legítimo que qualquer pessoa possa usar seus trajes, pois entendem que, assim como essas pessoas vão até suas aldeias em excursões de etnoturismo, em que vestem cocares e fazem pinturas corporais, a “homenagem” no Carnaval não seria problemática. Entre os que apoiam este movimento, há a youtuber indígena Ysani Kalapalo, que, dentre outras publicações sobre o tema, postou uma foto em 9 de fevereiro de 2018 com a legenda “Se alguém quiser sair no bloco fantasiada de mim. Agradeço!”

Para a análise foram usados os referenciais teóricos em William (2019), DaMatta (1997), Viana (2017), sendo complementados por postagens nas redes sociais dos indígenas citados e seus apoiadores, além de sites de notícias com as repercussões dos casos entre 2018 a 2023.

Palavras-chave: Carnaval; fantasia; traje indígena.